

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS DE **FILOSOFIA**

2

3^a
SÉRIE



Ensino Médio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



/SeeducRJ



/seeducrj



/seeducrjio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação

Comte Bittencourt
Secretário de Estado de Educação

Andrea Marinho de Souza Franco
Subsecretária de Gestão de Ensino

Elizângela Lima
Superintendente Pedagógica

Coordenadoria de Área de conhecimento
Maria Claudia Chantre

Assistentes

Carla Lopes
Fabiano Farias de Souza
Roberto Farias
Verônica Nunes

Texto e conteúdo

Prof. Alexandre Botelho José
CIEP 394 Cândido Augusto Ribeiro Neto
Prof. Vitor Dantas de Moraes
C.E. Irineu José Ferreira
Prof. Diego Felipe de Souza Queiroz
Instituto de Educação Carmela Dutra

Capa

Luciano Cunha



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Revisão de texto

Prof^a Alexandra de Sant Anna Amancio Pereira

Prof^a Andreia Cristina Jacurú Belletti

Prof^a Andreza Amorim de Oliveira Pacheco.

Prof^a Cristiane Póvoa Lessa

Prof^a Deolinda da Paz Gadelha

Prof^a Elizabete Costa Malheiros

Prof^a Ester Nunes da Silva Dutra

Prof^a Isabel Cristina Alves de Castro Guidão

Prof José Luiz Barbosa

Prof^a Karla Menezes Lopes Niels

Prof^a Kassia Fernandes da Cunha

Prof^a Leila Regina Medeiros Bartolini Silva

Prof^a Lidice Magna Itapeassú Borges

Prof^a Luize de Menezes Fernandes

Prof Mário Matias de Andrade Júnior

Paulo Roberto Ferrari Freitas

Prof^a Rosani Santos Rosa

Prof^a Saionara Teles De Menezes Alves

Prof Sammy Cardoso Dias

Prof Thiago Serpa Gomes da Rocha

Esse documento é uma curadoria de materiais que estão disponíveis na internet, somados à experiência autoral dos professores, sob a intenção de sistematizar conteúdos na forma de uma orientação de estudos.



Filosofia – Orientação de Estudos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. AULA 1: Hora do vídeo!	7
3. AULA 2: Valores, Moral e Ética?	7
3.1. Como construímos os nossos valores?	8
3.2. Qual a diferença entre Moral e Ética?	10
4. AULA 3: #Papo de Filósofo: Marilena Chaui.....	12
4.1. Juízo de fato e de valor	13
4.2. Vamos refletir:	14
5. AULA 4: Pra quê existimos?	14
5.1. A busca pela felicidade?.....	15
5.2. O caminho da liberdade	18
6. AULA 5: O “Enem” sabia disso?	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
7.1. Leitura Sugerida:	24
8. RESUMO	25
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

DISCIPLINA: Filosofia.

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS PARA FILOSOFIA

2º Bimestre de 2020 – 3ª Série do Ensino Médio

Prof. Alexandre Botelho José

META:

Apresentar com conceito de Ética na Filosofia, entender como essa área representa o agir humano e quais os desafios da sociedade atual têm para as novas gerações. Também veremos o que é a Felicidade, como a compreendemos e a buscamos em nossos dias.

OBJETIVOS:

Ao final destas Orientações de Estudos, você deverá ser capaz de:

- Identificar os desafios éticos a partir de situações atuais, evidenciadas na mídia, no cotidiano, na escola, nas comunidades, na sociedade.

1. INTRODUÇÃO

Caros alunos,

Você está mais do que consciente de que os seres humanos vivem em sociedade, convivemos nos relacionamos uns com os outros. Daí surge a primeira pergunta que você deve fazer: “Como devemos agir perante os outros?” É uma pergunta que você já deve ter feito, porém é muito difícil de ser respondida, pois, diariamente, você já deve ter se colocado em situações que exigem uma decisão pessoal, sendo que, em muitos casos, essa decisão vai afetar a vida daqueles que estão ao seu redor.

Praticamos no dia a dia diversos atos morais. Esses atos são fundamentais para nossa vida em sociedade e para o modo como nos orientamos como indivíduos. Esta autonomia do sujeito moral é fundamental para que vocês comecem a pensar a partir dos seus próprios parâmetros. Tenha em mente que a busca pela felicidade é uma preocupação primordial nas relações humanas e, por isso, a moralidade, a justiça e outros conceitos fazem parte do nosso cotidiano.

Dessa forma, sempre que isso ocorre estamos diante de uma decisão que envolve julgamento **moral** e temos que decidir com base no que consideramos bom, justo ou moralmente correto. Com certeza você já deve ter ouvido as palavras “ética” e “moral”, mas será que elas têm o mesmo significado? Vamos tentar desvendar essa dúvida?

Bons estudos!

2. AULA 1: Hora do vídeo!

No vídeo abaixo o professor Leandro Vieira fala sobre os conceitos éticos e morais, como eles são construídos e como podemos utilizá-los junto ao valores que aprendemos no decorrer da vida. Vamos lá?



Acesse:

<https://youtu.be/T0ZdMP3DVos>

3. AULA 2: Valores, Moral e Ética?

Caro aluno,

Como dissemos, os seres humanos agem conscientemente, e cada um de nós é responsável pela sua própria vida, conseqüentemente, pelas decisões que toma. Mas como decidimos o quê fazer? Você já pensou como tomar as decisões sobre o que fazer em determinada situação? Você age impulsivamente, fazendo “o que der na telha” ou analisa cuidadosamente as possibilidades e as conseqüências, somente para depois decidir o que fazer?

Essas são questões filosóficas, e a Filosofia pode nos ajudar a pensar sobre a nossa própria vida. Essa área da Filosofia se chama Ética e é ela que se dedica a pensar as ações humanas, seus fundamentos e análise das conseqüências. Um dos primeiros filósofos a pensar a ética foi nosso amigo Aristóteles, que viveu na Grécia no século IV a.C. Ele ensinava numa escola à qual deu o nome de *Liceu*, e muitas de suas obras são resultado das anotações que os discípulos faziam de suas aulas. As explicações sobre a Ética foram anotadas pelo filho de Aristóteles chamado Nicômaco, e por isso esse livro é conhecido por nós com o título de *Ética a Nicômaco*.

Em suas aulas, Aristóteles fez uma análise do agir humano que marcou decisivamente o modo de pensar ocidental. Ele ensinava que todo o

conhecimento e todo trabalho visa a algum bem. O bem é a finalidade de toda ação. A busca do bem é o diferente é o que difere a ação humana da de todos os outros animais. E você, tem buscado o “bem” como finalidade de toda ação?

Cabe, ainda, destacar que para Aristóteles esse “bem” seria o mais precioso e é a maior busca do ser humano, ou seja, a “felicidade”. Mas, o que é felicidade? Essa pergunta não é respondida igualmente por todos, pois cada um de nós responde de uma forma diferente, de forma singular. Essa singularidade na resposta é partilhada por outros indivíduos com os quais convivemos. Portanto, no processo de nossa educação familiar, religiosa e escolar aprendemos a identificar o ser feliz com os valores que sustentam nossas ações.

Para entendermos melhor como essas questões funcionam em nossas vidas precisamos compreender como construímos os nossos valores, o que é Ética e como a moral atua em nossas vidas.

3.1. Como construímos os nossos valores?

Você já deve ter percebido que desde a infância estamos sujeitos à influência do meio social por intermédio da família, da escola, dos amigos e dos meios de comunicação de massa (principalmente a televisão e a internet). Assim, todos nós vamos adquirindo aos poucos princípios morais. Portanto, ao nascer cada um de nós nos deparamos com um conjunto de normas já estabelecidas e aceitas pelo meio social. Consegue perceber que já recebemos tudo isso “pronto” e que só mais tarde vamos (re)construindo esses valores? Este é chamado aspecto social da moral.

Mas a moral não se limita ao aspecto social, pois à medida que o indivíduo desenvolve a reflexão crítica, a Filosofia, os valores herdados passam a ser colocados em questão. Você mesmo pode perceber que de muitas das coisas que lhe ensinaram, hoje você já adquiriu um outro olhar. A Filosofia ajuda na reflexão sobre as normas e decide aceitá-las ou negá-las. A decisão de acatar uma norma é fruto de uma reflexão pessoal consciente que podemos chamar de “interiorização”. Essa interiorização da norma é que qualifica o ato como moral. Caso não seja interiorizado, o ato não é considerado moral, é apenas um comportamento determinado pelos instintos, pelos hábitos ou pelos costumes.

Temos que entender que a maneira como a consciência individual vai

reagir diante das normas depende de muitos fatores, alguns são pessoais (formação familiar, caráter, temperamento), mas outros são oriundos de instituições sociais (regime político, organização social, instituição religiosa, sistema econômico, instituições culturais, meios de comunicação em massa) que podem criar possibilidades ou impor obstáculos à criticidade e também à construção da moral.

Vamos pegar um exemplo corriqueiro para entendermos como o conceito de interiorização funciona. Imagine um condutor de um veículo, em uma via urbana, parar antes da faixa de segurança de maneira espontânea e permitir que os pedestres atravessem a rua. Ele estará respeitando as pessoas e o



Código de Trânsito Brasileiro, sendo, portanto, um comportamento moralmente correto. Entretanto, se ele parar o veículo pelo simples fato de ter receio em receber uma multa, seu comportamento se limita a um ato mecânico e sem reflexão crítica, ou seja, ele apenas fez ao comprimento da lei. Na charge do Arinauro vemos o cúmulo da falta de interiorização, em que, além de parar na faixa de pedestre, em frente a uma escola, o motorista ainda estava utilizando o celular. Por isso, multa nele, seu guarda! Conseguiram compreender a diferença?

Para entender melhor. Quando falamos de moral temos que ter em mente que a pessoa **sabe** aquilo que precisa ser feito, sem precisar interiorizar, acontece de forma natural, independentemente das vantagens ou prejuízos que possa vir a acontecer. Mas não confunda ato moral com um ato acima de contestações. Isso porque, quando você pratica um ato moral, também está sujeito de sofrer consequências negativas, pois o que é moral para uns pode ser **amoral** ou **imoral** para outros, ou seja, um sujeito amoral é aquele que desconsidera ou não se importa com as regras ou normas morais, já o sujeito imoral é aquele que conhece as regras ou normas, mas é completamente contra elas.

Vejamos algumas questões que norteia o vasto campo da moral, estas são as perguntas fundamentais que nos ajudam a refletir e a interiorizar:

- O que devo fazer para ser justo?
- Quais valores devo escolher para guiar minha vida?
- Há uma hierarquia de valores que deve ser seguida?
- Que tipo de ser humano devo ser nas minhas relações comigo mesmo,
- Com meus semelhantes e com a natureza?
- Que tipo de atitudes devo praticar como pessoa e cidadão?

Valor

(lat. valor) Literalmente, em seu sentido original. "valor" significa coragem, bravura, o caráter do homem, daí por extensão significar aquilo que dá a algo um caráter positivo.

Do ponto de vista ético, os valores são os fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta. No entanto, a própria definição desses valores varia em diferentes doutrinas filosóficas. Para algumas concepções, é um valor tudo aquilo que traz a felicidade do homem. Mas trata-se igualmente de uma noção difícil de se caracterizar e sujeita a divergências quanto à sua definição. Alguns filósofos consideram também que os valores se caracterizam por relação aos fins que se pretendem obter, a partir dos quais algo se define como bom ou mau. Outros defendem a idéia de que algo é um valor em si mesmo. Discute-se assim se os valores podem ser definidos intrinsecamente ou extrinsecamente. Há ainda várias outras questões envolvidas na discussão filosófica sobre os valores, p. ex., se os valores são relativos ou absolutos, se são inerentes à natureza humana ou se são adquiridos etc.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

3.2. Qual a diferença entre Moral e Ética?

A palavra moral deriva das palavras em latim, *moralis*. e *mor* que significam costume. E, como você pode perceber, nossa vida é orientada por diversos **costumes**. Temos costumes que regulam praticamente tudo em nossas vidas, as roupas que vestimos (se vamos a uma igreja, por exemplo, os nossos costumes sociais não nos permitem usar sunga de banho), as palavras que usamos em diversas ocasiões (se estamos conversando com um amigo, não o chamamos de “meritíssimo” ou “meu senhor”), os nossos gestos (muitas pessoas fazem o sinal da cruz quando passam em frente de uma igreja), até nas redes sociais temos nossos costumes, para isso criou-se até uma “netiqueta” que são as regras de comportamento quando estamos no mundo virtual, além de muitos outros comportamentos que usamos no dia a dia.



Mas para você entender melhor, a moral se refere a outro tipo de costume. Trata-se de costume que diz respeito aos valores que já comentamos e que estão ligados ao sentido de bem e mal. Esses valores fundamentais estruturam outros, como: justo/injusto, certo/errado, digno/indigno, dentre outros. Costumes

morais são aqueles que se relacionam com os modelos de bem e mal da **nossa sociedade**, ou seja, estão ligados também ao tempo, ao momento, à cultura, a uma época, etc. Por isso, todos os dias emitimos julgamentos morais em relação aos nossos comportamentos, e aos comportamentos dos outros, a partir do nosso ponto de vista, daquilo em que acreditamos. Em outras palavras, estamos sempre avaliando os nossos atos e os atos dos outros segundo os valores de bem e mal da nossa sociedade e de nosso meio. Cabe aqui destacar que nem sempre nós concordamos com os padrões morais da nossa sociedade. Em alguns casos, nem devemos mesmo, pois a crítica deve fazer parte da nossa vida. Por isso, nós confrontamos e criamos valores morais diferentes dos nossos e dos outros. Isso mostra que a moral está presente em dois setores da vida humana: no âmbito individual e pessoal, e no âmbito social, isto é, na sociedade. Mais que isso! Pode-se dizer que há uma **moral individual** e uma **moral social**.

Mas como podemos refletir sobre a moral e termos a certeza de que tomamos as decisões mais acertadas? Apesar de todos os indivíduos agirem moralmente, alguns refletem filosoficamente sobre a moral e outros não, assim como os amorais e os imorais, que já vimos. Mas, por que alguns comportamentos são considerados morais e outros não? Quando é que nós podemos dizer que alguém está sendo imoral? E, se nos forcarmos a fazer algo que não queremos, estamos agindo moralmente? Quais os valores morais de uma sociedade podem ser preservados e quais devem ser mudados? Quando a Filosofia estuda a moral é que surge a Ética. Vamos deixar uma coisa clara: **Ética não é a mesma coisa que a moral**. Ética é a reflexão filosófica sobre a moral humana. Ela reflete sobre os conceitos de bem e mal, sobre as condições que fazem com que um ato possa ser considerado moral e propõe criticamente

normas morais. Como os valores morais são históricos (eles mudam com a história das sociedades), a ética é também histórica. A Filosofia refletiu de diversas formas a experiência moral do homem ocidental. Por isso, existem diversas éticas, ao longo da história. Por isso, é o objetivo da Ética entender os conflitos existentes entre as pessoas, buscando suas razões, como resultado direto de suas crenças e valores, e, com base nisto, estabelecer tipos de comportamentos que permitam a convivência em sociedade.

Curiosidade Filosófica:

Como um ramo da Filosofia, a Ética a influenciou e foi por ela influenciada.

Na ética normativa, distinguem-se dois grupos principais de filósofos:

- **Deontologistas** (do grego déontos: “de obrigação”); e
- **Teleologistas** (do grego teléios: “no fim”, “final”, causa última).

*Os deontologistas têm como conceitos básicos o **direito** e o **dever**, e assumem que as definições de moral derivam desses conceitos fundamentais.*

*Os teleologistas têm na **bondade** e **valor** os conceitos axiológicos básicos que detectam de onde vem a preponderância da bondade intrínseca. Enfatizam o cálculo das consequências de cada ação.*

*Os **axiologistas** (do grego axíos, “digno”, “útil”) acham que certas ações são corretas por causa do valor da bondade que eles inerentemente contêm, como a alegria ou prazer.*

A Ética constitui uma relação social que pode ser visualizada como uma relação de poder. É a razão pela qual não se pode falar unicamente em “ética em geral”, mas de morais específicas, pertencentes a sociedades históricas determinadas.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **Ética e Cidadania Organizacional**. Escola Estadual de Educação Profissional – EEEP. Curso Técnico em Comércio. Fortaleza: SEDUC. 2012.

4. AULA 3: #Papó de Filósofo: Marilena Chaui

No seu livro **Convite à Filosofia**, a Professora Marilena Chaui trata de pressupostos importantes para entendermos como a Filosofia, através da Ética compreende os valores e a moral, para isso reflete sobre o juízo de valor e o juízo de fato. Vamos conhecê-los? Leia o excerto e responda os questionamentos abaixo:



MARILENA CHAUI

Fonte:

<https://artepensamento.com.br/autor/marilena-chau/>

4.1. Juízo de fato e de valor

Se dissermos: “Está chovendo”, estaremos enunciando um acontecimento constatado por nós e o juízo proferido é um **juízo de fato**. Se, porém, falarmos: “A chuva é boa para as plantas” ou “A chuva é bela”, estaremos interpretando e avaliando o acontecimento. Nesse caso, proferimos um **juízo de valor**.

Juízos de fato são aqueles que dizem o que as coisas são, como são e porque são. Em nossa vida cotidiana, mas também na metafísica e nas ciências, os juízos de fato estão presentes. Diferentemente deles, os juízos de valor – avaliações sobre coisas, pessoas e situações – são proferidos na moral, nas artes, na política, na religião.

Juízos de valor avaliam coisas, pessoas, ações, experiências, acontecimentos, sentimentos, estados de espírito, intenções e decisões como bons ou maus, desejáveis ou indesejáveis.

Os juízos éticos de valor são também **normativos**, isto é, enunciam normas que determinam o **dever ser** de nossos sentimentos, nossos atos, nossos comportamentos. São juízos que enunciam obrigações e avaliam intenções e ações segundo o critério do correto e do incorreto.

Os juízos éticos de valor nos dizem o que são o bem, o mal, a felicidade e a infelicidade. Os juízos éticos normativos nos dizem que sentimentos, intenções, atos e comportamentos devemos ter ou fazer para alcançarmos o bem e a felicidade. Enunciam também que atos, sentimentos, intenções e comportamentos são condenáveis ou incorretos do ponto de vista moral.

Como se pode observar, senso moral e consciência moral são inseparáveis da vida cultural, uma vez que esta define para seus membros os valores positivos e negativos que devem respeitar ou detestar.

Qual a origem da diferença entre os dois tipos de juízos? A diferença entre a natureza e a cultura. A primeira, como vimos, é constituída por estruturas e processos necessários, que existem em si e por si mesmos, independentemente de nós: a chuva é um fenômeno meteorológico cujas causas e cujos efeitos necessários podemos constatar e explicar.

Por sua vez, a cultura nasce da maneira como os seres humanos interpretam a si mesmos e suas relações com a natureza, acrescentando-lhe sentidos novos, intervindo nela, alterando-a através do trabalho e da técnica, dando-lhe valores. Dizer que a chuva é **boa** para as plantas pressupõe a relação cultural dos humanos com a natureza, através da agricultura. Considerar a chuva **bela** pressupõe uma relação valorativa dos humanos com a natureza, percebida como objeto de contemplação.

Frequentemente, não notamos a origem cultural dos valores éticos, do senso

moral e da consciência moral, porque somos educados (cultivados) para eles e neles, como se fossem naturais ou fáticos, existentes em si e por si mesmos. Para garantir a manutenção dos padrões morais, através do tempo, e sua continuidade de geração a geração, as sociedades tendem a naturalizá-los. A naturalização da existência moral esconde, portanto, o mais importante da ética: o fato de ela ser criação histórico-cultural.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

4.2. Vamos refletir:

1. Explique com suas palavras a diferença de **Juízo de Valor** e **Juízo de Fato**.
2. Faça uma pesquisa e apresente a diferença entre Ética e Moral levando em consideração a cultura que vivemos hoje em dia com as Redes Sociais.

5. AULA 4: Pra quê existimos?

E aí pessoal!

Eis uma questão que faz parte dos maiores questionamentos da vida, “pra que existimos?” Em paralelo, a moral necessita de existir e ser aceita pela maior parte da sociedade para que essa pergunta também faça sentido, pois norteia todo o nosso sentido de existência.

Mas será que damos os mesmos valores para a vida? A ética não tem, necessariamente, o mesmo significado para cada pessoa. Isso ocorre em virtude dos valores individuais de cada pessoa, pois cada um de nós damos valores a determinadas coisas, que para outros não tem nenhum valor. Por exemplo, algumas pessoas são defensoras dos direitos dos animais, para outras isso pode nem fazer sentido. Entretanto, as preocupações éticas recaem sobre o genérico e não sobre o particular, ou seja, ainda que cada participante da sociedade carregue sua própria verdade, a Ética se encarrega de investigar se existe uma “verdade” genérica que, embora não seja exclusiva de nenhum participante da sociedade em particular, satisfaça igualmente a todos eles.

No entanto, você já deve ter percebido que nas relações em sociedade nem sempre isso é fácil de definir, pois o interesse individual geralmente

prevalece sobre o coletivo, ou seja, o meu “direito” está sobreposto ao do outro. Mas, isso seria o certo? Exatamente por isso que, para que se alcance um estágio moral que seja aceito pela maior parte da sociedade, é necessário o estabelecimento de regras, leis, normas, etc. É preciso estabelecer um padrão de comportamento que, embora não satisfaça a uma pessoa em particular, atenda à sociedade como um todo. Na Ética temos dois tipos de regras:

- **Regras Formais:** é a imposição de regras com o objetivo de viabilizar a convivência em sociedade, esta pode emanar do poder legalmente constituído. São as leis que temos definidas pela nossa legislatura;
- **Regras Informais:** surgem de maneira espontânea, da cultura da sociedade. O exemplo mais comum de regra informal que existe no Brasil é aquele que todos nós, sejamos como funcionários ou como pessoas a serem atendidas por uma empresa, órgão público, etc., de vez em quando temos que enfrentar: as filas. A organização em filas é um hábito social não expresso por escrito e costuma ser respeitado por todos.

Entenda que as regras não têm como objetivo criarmos pessoas “moralmente perfeitas”, mas propiciar uma convivência pacífica entre elas, reduzindo a um nível mínimo possível os conflitos de interesses dentro da sociedade. Por isso, podemos chegar à conclusão de que existimos para viver e conviver em sociedade de maneira ordeira e respeitosa.

Mas, vamos conhecer um pouco mais sobre pra quê existimos?

5.1. A busca pela felicidade?

O que é ser feliz? É possível ser feliz em nossa sociedade? Existe relação entre justiça, felicidade e a bondade?

Como você já deve ter percebido, a moral nada mais é do que a busca pelo ideal do bem viver entre as pessoas, nisso acabamos por buscar algo bem comum a todos, que é a “felicidade”. Diversas são as maneiras de os homens conceberem a felicidade. **Aristóteles** mostra que a maioria delas não é de fato a felicidade, em sua obra *Ética a Nicômaco*, afirma que a felicidade (*eudemonia*) não consiste nem nos prazeres, nem nas riquezas, nem nas honras, mas numa

vida virtuosa. A virtude (*areté*), por sua vez, se encontra num justo meio entre os extremos, que será encontrada por aquele dotado de prudência (*phronesis*) e educado pelo hábito no seu exercício.

Há homens que pensam que a felicidade está em viver uma vida de prazeres; outros acham que a felicidade está na honra; e outros pensam que ser feliz é possuir riquezas. Aristóteles mostra que estas concepções são totalmente erradas. Por quê? Primeiro, uma vida que busca somente os prazeres é uma vida reduzida às sensações de agradável e desagradável. O ser humano que assim vive reduz a sua condição a condição dos animais. São os animais que vivem fechados às suas circunstâncias, fugindo da dor e buscando prazer. Dessa forma, o ser humano que age tão somente objetivando o prazer está se rebaixando como ser humano. A felicidade é o fim último das minhas ações e sou eu que a possuo. Por isso, ninguém pode me dar, de fora, a minha felicidade.

Eu não posso pensar que sou feliz somente quando os outros me aplaudem. Isso seria um novo tipo de escravidão. A partir de então, todas as minhas ações passariam a depender da opinião dos outros, se eles gostam ou não gostam do que faço, se eu serei aplaudido ou não, etc. Por outro lado, a felicidade não pode estar nas riquezas, como o dinheiro. Isto porque o dinheiro é um meio e não um fim. Nós usamos o dinheiro para comprarmos algo.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Usamos nossas riquezas para mostrarmos algo com ela: esbanjamos que possuímos algo caro, mostrarmos nossa vaidade, para dizermos aos outros que possuímos bens que podem ser trocados. Assim, toda riqueza é um meio e não um fim. Se a felicidade é um fim em si mesmo, ela não pode se reduzir ao dinheiro. O que é então a felicidade? Vamos ver outros pensadores que refletiram sobre a felicidade.

Para **Epicuro**, a felicidade consiste na busca do prazer, por ele definida como um estado de tranquilidade e de libertação da superstição e do medo (*ataraxia*), assim como a ausência de sofrimento (*aponia*). Para ele, a felicidade não é a busca desenfreada de bens e prazeres corporais, mas o prazer obtido pelo conhecimento, amizade e uma vida simples. Por exemplo, ele argumentava que ao comer, o indivíduo obtém prazer não pelo excesso ou pelo luxo culinário (que leva a um prazer fortuito, seguido pela insatisfação), mas pela moderação, que torna o prazer um estado de espírito constante, mesmo se ele se alimenta simplesmente de pão e água.

Para os **estóicos**, a felicidade consiste em viver de acordo com a lei racional da natureza e aconselha a indiferença (*apathea*) em relação a tudo que é externo. O homem sábio obedece à lei natural reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e propósito do universo, devendo assim manter a serenidade e indiferença perante as tragédias e alegrias.

Para os **céticos** da antiguidade, nada podemos saber, pois sempre há razões igualmente fortes para afirmar ou negar qualquer teoria, além do que toda teoria é indemonstrável (um dos argumentos é que toda demonstração exige uma demonstração e assim *ad infinitum*). Defender qualquer teoria, então, traz sofrimentos desnecessários e inúteis. Assim, os céticos advogavam a “suspensão do juízo” (*epokhé*). Por exemplo, aquele que não imagina que a dor é um mal não sofre senão da dor presente, enquanto que aquele que julga a dor um mal duplica seu sofrimento e mesmo sofre sem dor presente, sendo a mera ideia do mal da dor às vezes mais dolorosa que a própria dor.

A conclusão a que chegamos é que escolhemos ser bons ou maus quando praticamos mais o bem ou mais o mal. A felicidade está em se tornar virtuoso e para isso devemos trilhar o caminho do meio, e criamos hábitos que fiquem entre o excesso e a falta, para nos tornarmos sempre melhores, buscando a excelência nas nossas ações. “O homem é totalmente responsável por suas obras, pois graças a sua razão, é dono e senhor das suas atitudes!” (Aristóteles).

Conheça suas inclinações e pense que o caminho do meio pode ajudar você a ser Feliz!

5.2. O caminho da liberdade

Quando pensamos o porquê existimos, não podemos deixar de lado outro valor extremamente importante que é a “liberdade”. Liberdade significa o direito de agir segundo o seu livre arbítrio, de acordo com a própria vontade, desde que não prejudique outra pessoa. Esta é a sensação de estar livre e não depender de ninguém. É também um conjunto de ideias liberais e dos direitos de cada cidadão, afinal, você tem o direito de acreditar naquilo que acha mais conveniente. Na Filosofia, a liberdade é classificada como a independência do ser humano, o poder de ter autonomia e espontaneidade.

Cabe destacar ainda que a liberdade é um conceito utópico, uma vez que é questionável. Isso porque até que ponto a liberdade existe? Somos livres do ponto de vista que não estamos enclausurados em uma cela de



uma cadeia, mas estamos presos dentro do nosso próprio planeta. Outra forma de prisão está dentro de nós mesmos quando acreditamos que somos ou não capazes de fazer determinada coisa, ou seja, se não acreditamos que somos capazes acabamos por nos limitar e ficarmos presos nas nossas crenças. Por isso, fica sempre o questionamento se realmente os indivíduos têm a liberdade que dizem ter, se com as mídias ela realmente existe, ou não. Diversos pensadores e filósofos pensaram sobre a liberdade, a saber, Sartre, Descartes, Kant, Marx , entre outros. Não vamos delinear cada um deles, mas fica a dica para futuros estudos.

Mas, a vida humana segue um destino ou cada ser humano constrói o próprio caminho? Se a resposta fosse: sim, o destino já está traçado, estaríamos negando a liberdade humana. A tirinha abaixo nos faz refletir sobre isso, somos autônomos ou autômatos? Cada um constrói o seu caminho, pois os homens são livres!



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Mas, aí fica a questão, nascemos livres ou nos tornamos livres? Como dissemos, o problema da liberdade ocupa os filósofos de todas as épocas. Sartre, filósofo existencialista do século XX, ao escrever sobre liberdade criou uma frase que ficou muito famosa e que dá o que pensar: **“Estamos condenados à liberdade”**.

Estranho pensar a liberdade como condenação, não é mesmo? Para o existencialismo, o homem ao nascer não está definido. Ele irá através da sua “existência” se tornar humano. Para refletir sobre isso podemos citar Paulo Freire:

Pois bem; se falamos da humanização, do “ser mais” do homem – objetivo básico de sua busca permanente –, reconhecemos o seu contrário: a desumanização, o ser menos. Ambas, humanização e desumanização são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão somente a primeira, contudo, constitui a sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação.

FREIRE, P. **O Papel da Educação na Humanização**. Revista Paz e Terra, Ano IV, nº 9, Outubro, 1969, p. 127.

Podemos ver que o ser humano está sempre na busca do “ser mais”, do ir além. Aqui estão em questão dois conceitos: determinação e liberdade.

Determinar é definir previamente. Por exemplo, está determinado que as abelhas vão produzir mel. Todas as abelhas seguem essa determinação. É uma lei da natureza que determina isso. O mesmo acontece com todos os demais seres vivos. Cada um tem seu papel na natureza e o segue sem questionar. É da essência da abelha produzir mel.



Jean-Paul Sartre

Fonte:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caricature_Sartre_2007.jpg

O filósofo **Jean-Paul Sartre** (1905-1980) nos alerta que com os seres humanos não é assim. Quando nascemos não estamos prontos. O homem se define a partir do que vem a ser na sua existência, no seu tempo de vida: **“A existência precede a essência”** (Sartre).

Primeiro vem a existência; depois a essência. Isso significa que somos diferentes da abelha e dos demais seres vivos. Quando nascemos, nossa vida não está determinada a ser dessa ou daquela maneira. Precisamos escolher a cada minuto. As escolhas que fazemos é que irão determinar como seremos.

Não nascemos “prontos”! É o homem quem dá sentido à sua vida. Esse sentido não existe antes dele existir. O homem se constrói!

É nesse sentido que o ser humano é livre. E não podemos fugir da liberdade. Ela é uma dimensão da vida humana, nos constitui. O não escolher como uma forma de não se comprometer já é uma escolha!

Cada escolha implica numa responsabilidade. Escolhemos continuamente em todas as situações. É por isso que Sartre fala que somos “condenados” à liberdade. Não temos como escapar dessa tremenda responsabilidade que é decidir continuamente que rumo daremos a nossa vida. E tem mais! Cada escolha não implica somente em responsabilidade para conosco, mas com toda a sociedade. A isso, o filósofo chama de engajamento!

Para ficar bem claro: engajamento é quando assumimos a responsabilidade por sermos livres. É quando nossas ações ganham essa dimensão e escolhemos não somente o que pode ser bom para nós mesmos, mas para toda a humanidade.

Ficar arranjando desculpas e pretextos não retira de nós a responsabilidade sobre nossas decisões. E até o não decidir é uma decisão! Quem procura justificativas para não agir, ou cede às influências externas e não age de acordo com a sua própria consciência, age de má fé!

Perceber em nós que não temos como escapar de fazer escolhas e que cada escolha carrega uma enorme responsabilidade pode nos trazer angústia. Mas é essa angústia (um certo “buraco ou peso no peito”), que só você poderá

preencher e cuidar.

Quando assumimos a liberdade que nos constitui e nos tornamos responsáveis por nossas escolhas, vamos nos construindo como seres humanos autênticos. E o ser humano que é autêntico não foge da sua responsabilidade frente ao mundo e a humanidade, não dá desculpas, não age de má-fé. Ele é livre e por ser livre se engaja no mundo através dos seus projetos.

E o seu projeto de vida? Está fazendo suas escolhas com consciência da sua importância nesse mundo?

Esperamos que tenha gostado de saber que a sua vida será o que você fizer de você mesmo! As possibilidades estão aí para que faça suas escolhas.

Você é o autor da sua vida! Escreva-a com sabedoria!



#Parasabermas:

<https://blogdoenem.com.br/filosofia-enem-etica-liberdade-moral/>

6. AULA 5: O “Enem” sabia disso?

1. (Enem/2011)

O brasileiro tem noção clara dos comportamentos éticos e morais adequados, mas vive sob o espectro da corrupção, revela pesquisa. Se o país fosse resultado dos padrões morais que as pessoas dizem aprovar, pareceria mais com a Escandinávia do que com Bruzundanga (corrompida nação fictícia de Lima Barreto).

O distanciamento entre “reconhecer” e “cumprir” efetivamente o que é moral constitui uma ambiguidade inerente ao humano, porque as normas morais são

- a) decorrentes da vontade divina e, por esse motivo, utópicas.
- b) parâmetros idealizados, cujo cumprimento é destituído de obrigação.
- c) amplas e vão além da capacidade de o indivíduo conseguir cumpri-las integralmente.
- d) criadas pelo homem, que concede a si mesmo a lei à qual deve se submeter.
- e) cumpridas por aqueles que se dedicam inteiramente a observar as normas jurídicas.

2. (Enem/2010)

O príncipe, portanto, não deve se incomodar com a reputação de cruel, se seu propósito é manter o povo unido e leal. De fato, com uns poucos exemplos duros poderá ser mais clemente do que outros que, por muita piedade, permitem os distúrbios que levem ao assassinio e ao roubo.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

No século XVI, Maquiavel escreveu *O Príncipe*, reflexão sobre a Monarquia e a função do governante.

A manutenção da ordem social, segundo esse autor, baseava-se na

- a) inércia do julgamento de crimes polêmicos.
- b) bondade em relação ao comportamento dos mercenários.
- c) compaixão quanto à condenação de transgressões religiosas.
- d) neutralidade diante da condenação dos servos.
- e) conveniência entre o poder tirânico e a moral do príncipe.

3. (Enem/2010)

A ética precisa ser compreendida como um empreendimento coletivo a ser constantemente retomado e rediscutido, porque é produto da relação interpessoal e social. A ética supõe ainda que cada grupo social se organize sentindo-se responsável por todos e que crie condições para o exercício de um pensar e agir autônomos. A relação entre ética e política é também uma questão de educação e luta pela soberania dos povos. É necessária uma ética renovada, que se construa a partir da natureza dos valores sociais para organizar também uma nova prática política.

CORDI *et al.* *Para filosofar*. São Paulo: Scipione, 2007 (adaptado).

O Século XX teve de repensar a ética para enfrentar novos problemas oriundos de diferentes crises sociais, conflitos ideológicos e contradições da realidade. Sob esse enfoque e a partir do texto, a ética pode ser compreendida como

- a) instrumento de garantia da cidadania, porque através dela os cidadãos passam a pensar e agir de acordo com valores coletivos.
- b) mecanismo de criação de direitos humanos, porque é da natureza do homem ser ético e virtuoso.
- c) meio para resolver os conflitos sociais no cenário da globalização, pois a partir do entendimento do que é efetivamente a ética, a política internacional se realiza.
- d) parâmetro para assegurar o exercício político primando pelos interesses e ação privada dos cidadãos.
- e) aceitação de valores universais implícitos numa sociedade que busca dimensionar sua vinculação à outras sociedades.

4. (Enem/2010)

Negrinha

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono

(uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva.

[...]

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e zera ao regime novo – essa indecência de negro igual.

LOBATO, M. Negrinha. In: MORICONE, I. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

A narrativa focaliza um momento histórico-social de valores contraditórios. Essa contradição infere-se, no contexto, pela

- a) falta de aproximação entre a menina e a senhora, preocupada com as amigas.
- b) receptividade da senhora para com os padres, mas deselegante para com as beatas.
- c) ironia do padre a respeito da senhora, que era perversa com as crianças.
- d) resistência da senhora em aceitar a liberdade dos negros, evidenciada no final do texto.
- e) rejeição aos criados por parte da senhora, que preferia tratá-los com castigos.

Fonte: <http://educacao.globo.com/>

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ufa!!! Chegamos ao final do nosso bate-papo, e conhecemos falamos sobre Ética na Filosofia e como construímos os nossos valores e moralidade.

O que fizemos até aqui é a imprescindibilidade de uma transformação do processo educativo, com o objetivo de modificar a atual situação de formação massiva e acrítica, para um modelo de uma educação moral para a autonomia, como instrumento de resistência e construção de uma sociedade mais solidária, humana e cidadã.

Como você deve ter percebido, esse processo não é tão simples, e encontra pelo caminho inúmeras dificuldades, principalmente aquelas que são impostas pela própria sociedade e suas regras pré-determinadas, que visa justamente à manutenção do *status quo*, que é o “estado das coisas”, ou a manutenção do que já está implementado.

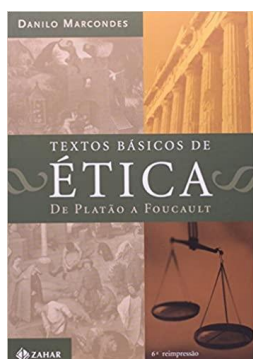
Analisando com frieza, o ensino geral fortalece a cultura do “cada um por si” e da competitividade sem limites, impedindo que preceitos verdadeiramente ético-humanos sejam inseridos no processo educativo. O que precisamos mudar são as formas que enxergamos o mundo, a vida e nós mesmos, pois a moral

pode ser aprendida e modificada, pois somos pessoas que se humanizam na medida em que nos relacionamos e dois preceitos são básicos, que são o de *educar para a cidadania* e o *educar eticamente*.

Outro empecilho também presente na atualidade que vem contribuindo em desfavor de uma educação autônoma, crítica e livre é a dificuldade que o processo educativo tem de competir contra os meios de comunicação em massa (exemplo, televisão e internet) e os fortes ideais capitalistas difundidos, como, por exemplo, o consumismo, o individualismo e a moda.

Porém, não vamos descansar, pois a Filosofia nos ensina que aprender não ocupa espaço, não é mesmo? Por isso, deixo abaixo uma sugestão de leitura para o seu investimento filosófico!

7.1. Leitura Sugerida:



- **Textos básicos de ética: de Platão a Foucault**

Autor: Danilo Marcondes.

Editora: Zahar.

Resumo: Essa antologia de textos sobre ética tem como objetivo pôr o estudante em contato direto com as ideias dos grandes pensadores. Em vez de o aluno "ouvir falar" ou "ler sobre" o que os filósofos pensam sobre o tema, terá oportunidade de lidar diretamente com os textos de Platão a Foucault. Elaborado para utilização didática, o volume está organizado com uma introdução para cada filósofo; um comentário que situa cada trecho escolhido no contexto da obra original, destacando sua importância e indicando seu enfoque central; finalizando cada seção, uma série de questões e temas para discussão em sala de aula, e indicação de leituras complementares. Inclui 35 textos comentados dos grandes filósofos: Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Descartes, Spinoza, Hume, Kant, Kierkegaard, Nietzsche, Stuart Mill, Weber, Freud, Foucault.

8. RESUMO

Nestas Orientações de Estudos 2 – Bimestre 2 de 2020, Filosofia – 3ª série, você aprendeu:

- No vídeo proposto como a ética e a moral fazem parte da nossa vida e como construímos os valores que fazem parte de quem somos;
- O que são valores impostos e adquiridos. Como eles chegam para nós e nos fazem decidir sobre as questões mais básicas da vida;
- Compreendemos a diferença entre moral e ética, entendendo que moral são os atos baseados nos costumes e que precisamos lapidar conforme nos (re)construímos como indivíduos;
- Vimos que a Ética é uma parte da Filosofia que nos ajuda a pensar sobre a moral, o certo e errado, nos ajudando a refletir sobre as decisões que afetam não só o indivíduo, mas todos ao seu redor;
- Com a profa. Marilena Chaui, em seu texto, vimos o que é juízo de fato e juízo de valor. Aprendemos também como a cultura nasce da maneira como os seres humanos interpretam a si mesmos e suas relações com a Natureza;
- Que existem regras formais e informais, como a felicidade e a liberdade ajudam a nos compreendermos como seres no mundo na busca de um bem comum e na humanização da sociedade;
- Perceber em nós que não temos como escapar de fazer escolhas e que cada escolha carrega uma enorme responsabilidade pode nos trazer angústia. Mas essa angústia, só você poderá preencher e cuidar;
- No final, trouxemos alguns exercícios do Enem para você poder exercitar e praticar moralmente a Filosofia.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**. Introdução à Filosofia. 6 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BELO, R. S. **360º Filosofia**: histórias e dilemas. Vol. Único, 1 ed. São Paulo: FTD, 2015.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

COTRIM, G. **Fundamentos de filosofia**: história e grandes temas. 15. ed. São Paulo, 2002.

CYRINO, H.; PENHA, C. **Filosofia hoje**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1992.

GLOBO.COM. **Educação**: Simplifique seus estudos para o Enem. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

FREIRE, P. O Papel da Educação na Humanização. **Revista Paz e Terra**, Ano IV, nº 9, Outubro, 1969.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **Ética e Cidadania Organizacional**. Escola Estadual de Educação Profissional – EEEP. Curso Técnico em Comércio. Fortaleza: SEDUC, 2012.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo**. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.